

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 85

SEGUNDA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 1905

E prohibida a reproducção das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, colonias portuguezas e Hespanha

Anno.....	8\$000
Semestre.....	4\$000
Trimestre.....	2\$000

Brazil

Anno.....	45\$000	moeda fraca
Semestre.....	25\$000	" "

Territorios da união postal

Anno.....	9\$000
Semestre.....	5\$000



LISBOA

Empreza do jornal "O SECULO,,"

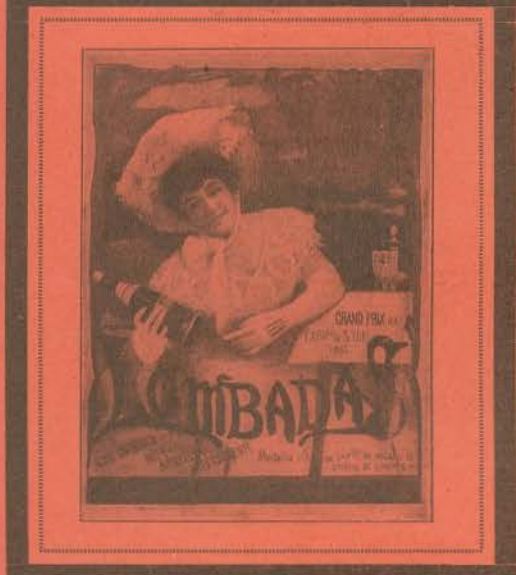
43-RUA FORMOSA-43

JOSÉ D'OLIVEIRA & BARROS - CANDIEIROS E CANALISAÇÕES - Largo de S. Domingos, 21 a 24 - LISBOA

BRAZIL—UNIÃO DOS PROPRIETARIOS COMPANHIA DE SEGUROS TERRESTRES 18, Rua da Candelaria, 18 - Sobrado Depósito no Thezouro Federal 200.000.000

Autorizada a funcionar por carta-patente, emitida na Superintendencia de Seguros Terrestres e Maritimos, de accordo com o decreto n.º 4270, de 18 de dezembro de 1911.—Segura...

18, Rua da Candelaria, 18 - Sobrado—RIO DE JANEIRO



Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Banhos de mar e aguas thermais Serviço combinado entre varias estacoes desta Companhia e diversas das linhas da Beira Alta, Minho e Douro Sul e Norte, Freixo a Povoia e Fomallos e Oitavilhas.— Viagens de ida e volta a preços reducidos...

UM BRINDE "Mouzeux" CHAMPAGNE 50 HA RUA NOVA DO ALMADA 86-90 podeis comprar um brinde fino agradável Sabadoz ban e BARATO

Sapataria Parisienso Eduardo de Souza 55, Rua de Santa Justa, 57

TRENS 31 RUA DAS PEDRAS NEGRAS Telephone 308

NESTLÉ FARINHA LACTEA

Monte-pio das Classes Commercial e Industrial (ASSOCIAÇÃO DE SOCIEDADES MUTUAS) Sede—Rua d'Assumpção, 88, 1.º REFORMA E INHABILIDADE Pensões annuaes de 10.000 a 300.000 reis. Quotas mensaes de 200 a 600 reis. Jotas de 1.500 a 13.000 reis. CAIXA ECONOMICA Dinheiro á ordem até 1.000.000 reis—3 por cento. Superior a 1.000.000 reis—4 por cento. EMPRESAS IMOS. SSOBRE. PENHOES Ouro, prata, joias e fundos publicos—luro annual de 6 a 12 por cento.

Mosaicos hydraulicos e ceramicos de T. do Corpo Santo, 21 LISBOA

GOARMON & C.ª

Arulejos em faiança, de cartão e em estylo arabe proprios para decorações artisticas. Catalogos sob requisição

SERPENTINA C. Klein & C.ª DEPOSITO GERAL Para limpar a prata e todo o metal prateado, fixando-lhe ao mesmo tempo uma fina camada de prata pura, e que dispensa futura galvanização. RUA THOMAZ RIBEIRO-183



A'S NOIVAS CASA DOS BORDADOS Abriu a sua nova sede na Rua do Ouro, 189, 191 Vende bordados a preço mais baratos. A quem comprar peças de pano branco de 36" ao preço da peça 4.000, 4.500, 5.000, 5.500 reis e mais.

Mobílias de quarto, sala, cozinha, etc. Castanhêira Freire & C.ª (Irmão) Rua de S. Vicente á Guia, 59, 41 e 45



LIVRARIA EDITORA VUVA TAVARES CARDOSO 5, LARGO DE CAMOES, 6 ULTIMAS PUBLICAÇÕES

HANNIBAL E NAPOLEÃO feito pelo sr. dr. Pereira de Lima — o laureado auctor dos Phenicios e Carthagoizes. — constituindo um estudo historico, detalhado, que se é o bastante para consagrar o penho do historiador, e tambem pelo que respeita a Napoleão um dos seus melhores retratos. O'um volume que vale bibliotheca, tal a synthese de factos e transcripções de documentos, através os tempos se seguo o vido triumphal da aquia Imperial que se depois da queda dos gigantes se aliam nos planos de WATERLOO e que, só por si, merecem ao auctor um capitulo de 88 paginas. 4 volumes impresso em papel couché e firmemente. Illustrado 800 reis.

A CIDADE NOVA Romanos dos tempos romanos, por Pedro Antonio de Amor e Faria, preço 800 reis. FELIX LEE DARTER o famoso embrenhista da Faculdade de Sciencias de Lyão, de sua obra de Geologia e, em geral, a toda a sciencia experimental assignada e reconhecida sciencia, socada de preser, a todos aquellos que se animam desde da infancia, recommendamos que estarem em livro, — oprimos mente, fundando a creação de um ao espirito da sciencia, a' d'onde se deslucem o futuro da patria e da humanidade — sua facilissima programma, encontra-se, 200 paginas. O CONFLICTO que se se João de Barros lecciona a' d'onde se deslucem o futuro da patria e da humanidade — sua facilissima programma, encontra-se, 200 paginas. ASPECTOS EUROPEOS por José Augusto Corrêa 15000 reis. — epochalmente 15000 reis.

O THEMA DO ENCOBERTO Poema de Affonso Lopes Vieira, é o ideal moentano do Portugal que nacional, — mas humano, como textualmente o symbolico. Truquillo, desde a sua talha caria ao auctor, a' d'onde se deslucem o futuro da patria e da humanidade — sua facilissima programma, encontra-se, 200 paginas. A vida d'um rapaz pobre A VUVA que se se João de Barros lecciona a' d'onde se deslucem o futuro da patria e da humanidade — sua facilissima programma, encontra-se, 200 paginas. RELIGIÃO DO ESFORÇO de Albatr Kohter que se se João de Barros lecciona a' d'onde se deslucem o futuro da patria e da humanidade — sua facilissima programma, encontra-se, 200 paginas.

ANTIGA CASA REAL CIGARETAS E CIGARETTAS GUARDA-CHUVAS E BENDIÇAS NACIONALES E ESTRANGEIRAS IMPORTAÇÃO DIRECTA DE PRINCIPAES PRODUÇÕES COMPLETAS NOVIDADES EM CARDS DE FANTASIA

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA

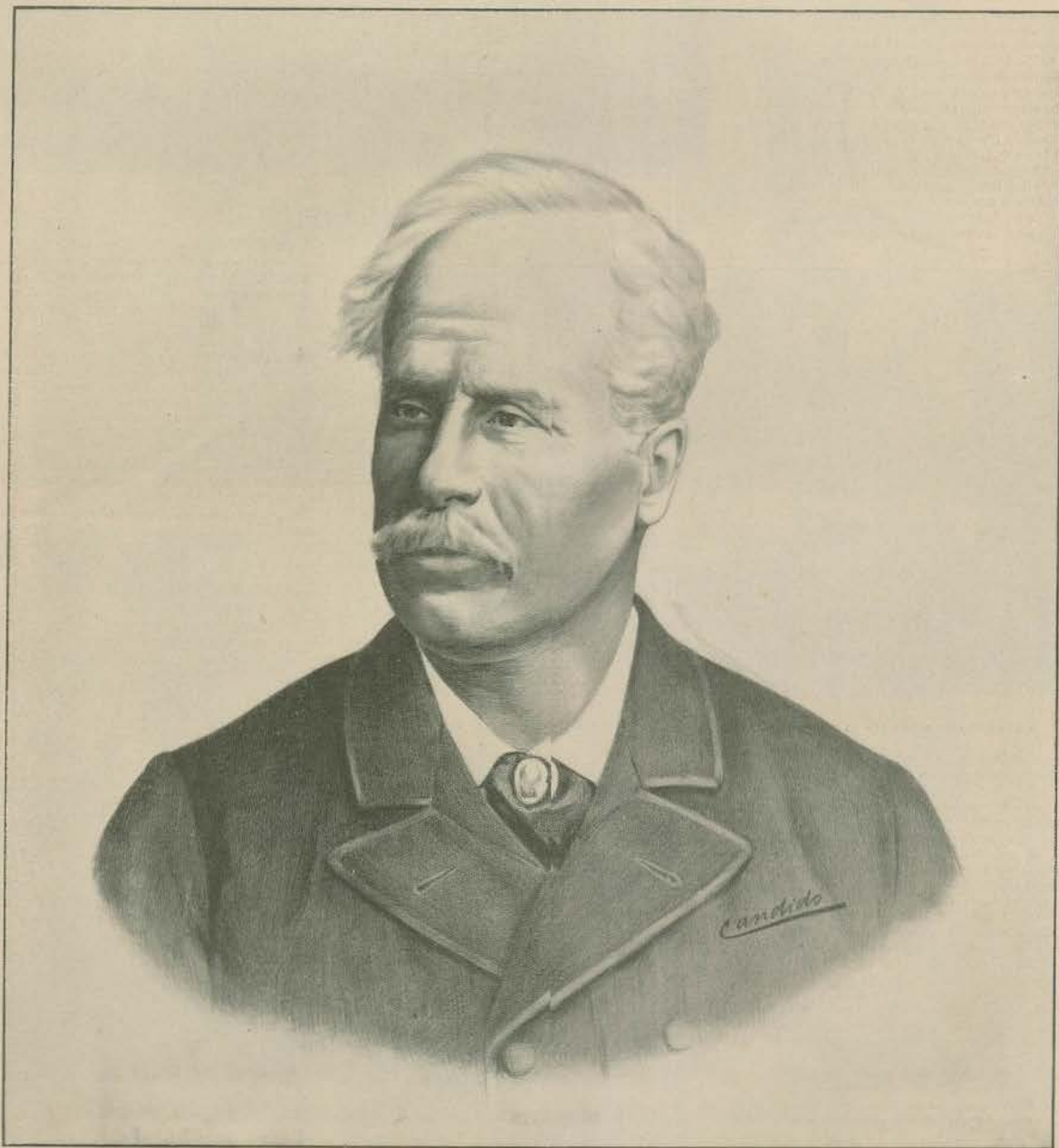
PORTUGUEZA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravuras, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—Lisboa

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 19 DE JUNHO DE 1905

NUMERO 85



VISCONDE DE CHANCELEIROS

Falleceu em 14 de junho o visconde de Chancelleiros, uma das grandes intelligencias politicas de Portugal e que se fez a maior sobriedade pelo enorme independencia mantida durante a sua longa e gloriosa carreira. O visconde de Chancelleiros, Sebastião de Carvalho, nasceu na quinta de Cortegosa, perto de Alentejo, onde falleceu, e contava 72 annos. Seu pai era o grande liberal Manuel Antonio de Carvalho, barão de Chancelleiros. O visconde foi minis-

tro dos obras publicas em 1871 no gabinete presidido pelo duque d'Avila, e em 1882 no gabinete Dias e Ferreira. Ao mesmo tempo que se lhe distinguia de politica, o seu espirito se applicou a muitos trabalhos voluntarios para a agricultura que elle fundou no sua propriedade de Cortegosa, mas se limitou na de 1890 do Congo. A agricultura deve-lhe immensas vantagens. Quando ha da epidemia de phylloxera a visconde de Chancelleiros entrou a estudar pro-

ticamente a questão e accedendo a varios estudos em suas terras de Cortegosa, por se accionar modernas que augmentaram a producao e a riqueza da propriedade. Depois de muitos estudos e trabalhos de Cortegosa e que fez de Chancelleiros a carreira de que era delado esse grande valor que legou um nome honrissimo. O restavel do excellento trabalho sobre a agricultura de Cortegosa no trabalho do sr. João Franco Monteiro.

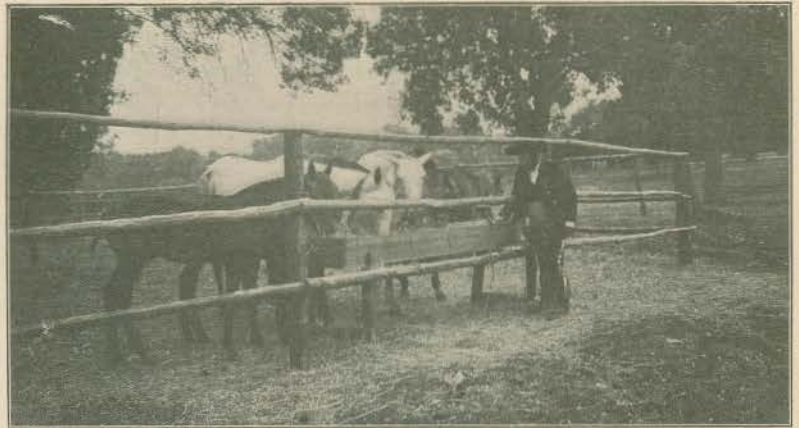
CHRONICA

As legendas

Santo Antonio que se celebrou ha dias foi theologo e douto varão, frade todo d'alma que na terra procurava o caminho do ceu e no entanto transtornando-se lhe a grandeza da figura, ficou popularmente um milagreiro a concertar bilhas como esses pequenos que de caixa ás costas e boina ao lado andam por ahi remendando louça, ficou um santo brincalhão com alguma cousa de pagem travesso e de menino de côro abregeirado, um casamenteiro de póipa, metedico como certas velhas que gostam d'andar envolvidas nas peripecias d'amor.

S. João que se vae celebrar foi um apostolo e um forte; vulto todo de resignação e d'apego a uma idéa alta, um desditoso que entre as bronhas maldizendo os grandes se sustentava a gafanhotos e a mel silvestre, com o seu surrão de pelle de carneiro a cobri-lo dos frios e que foi degollado pelo capricho perfido d'uma mulher que agradara dançando ao tetrarcha Herodes.

Porém fizeram d'elle um santinho de carnes alvas e cabellos loiros, com um cordeirinho nos brancos rosados e por cuja festa se revolvem moiras á meia noite no fundo das aguas e os ovos expostos nos telhados á luz das madrugadas apresentam for-



NA EXPOSIÇÃO HIPPICA—Eguas apoltradas



Um aspecto da exposição de cravos inaugurada no parque Eduardo VII em 14 de junho

mas extraordinarias de tumbas, de berços, de castellos, de ferramentas, de flores e nunca de gemadas.

As acções dos santos, coadas assim pela imaginação popular, acabaram n'uma coisa vaga, ingenua e com menos poesia do que realmente tiveram. Um d'elles, magro, roto, d'olhos no ceu, recebendo inspirações, todo de greças e talentos, falava na sua cathedra de Bolonha com o espirito sempre vivo a brotar em phrases d'outra da sua bocca descórada, quasi morta; o outro no fundo da fortaleza da Judea, altrado para alli como um fardo, escutava as orgias do palacio do tetrarcha, ouvia o som dos instrumentos; talvez os passos de dança da filha de Herodiade que o condemnaram e quedava-se sempre simples e resignado a aceitar a decapitação.

Decorreram muitos annos e para se festejar o theologo accendem-se bichas de rabiar, queimam-se bombas de pataco; para honrar o martyr dança-se em volta d'uma fogueira e espera-se que as alchofras floresçam na manhã ridente de junho.

Isto acontece simplesmente porque os santos não são já encarados pelas suas acções, mas sim pela legenda que foi tecida em volta das suas figuras na imaginação popular ou por alguém que careceu de modificar para a divinização os actos quasi extrahumanos, é certo, mas no fundo explicaveis que elles praticavam. A legenda é sempre obra d'uma collaboration collectiva.

Esse Bocage cujo centenário a camara de Setúbal vae celebrar é uma victima d'essa collaboration porque a elle — espirito todo de graciosidade e de

subtleza — foram attribuidas todas as tollices d'uma turba e que faz o encarem como um irmão, chocarreiro e obsceno. O conde de Santa Maria — o rude soldado, alma de bondade — é tambem quem narreta com todas as parvoíces que se inventam, simplesmente porque habituado mais ás luctas do campo que aos torneios da phrase, elle era como Cambronne hem soldado e tinha indignações de plebeu rijo, ou de morgado affeito a valentias. A collectividade augmenta sempre a legenda dos que se tornam seus heroes queridos e diminua a dos que por qualquer motivo entram no seu odio. Assim se dividiram Saldanha e se lançou um labes sobre Pina Manique.

Em volta d'esta tendencia collectiva, como de resto em roda de todas as manifestações populares ha sempre exploradores.

Ha poetas que vão buscar no grande vate anonymo que é o povo os versos com que enchem os seus livros; ha politicos que lançam a semente d'uma reputação entre esse povo, a marcellam, a repetem, a fazem ouvir todos os dias, a infiltram, a tornam n'uma legenda que innocescentemente se aceita como estas do Santo Antonio concertar bilhas e de S. João fazer com que nos ovos appareçam utensilios que marcam destinos.

E foi assim que se aceitou em tempo a reputação de talento de João Felix Pereira e a do immaculado do sr. José Luciano, legendas que terão talvez um dia fogo de vistas a illuminal nas, e para as enltheecer a consagração das bichas de rabiar.

ROCHA MARTINS.



Outro aspecto da exposição de cravos



AS FESTAS NO ATHENEU COMMERCIAL POR OCCASÃO DO SEU 25.º ANIVERSARIO

Os amadores dramáticos do Atheneu: *primeira plana, srs. Fernando Crespo, Francisco Baptista, F. F. Martins, Alberto Cunha e Augusto do Carmo; segunda plana, srs. Manuel Affonso Simões, José Gomes Pinto, Vasco Ribeiro e Felago Rodrigues.*

Os alumnos do gymnasio: *srs. Antonio Chaves, J. S. Correia, C. Albo Pimenta e José Drummond—Trabalhos de gymnastica—*

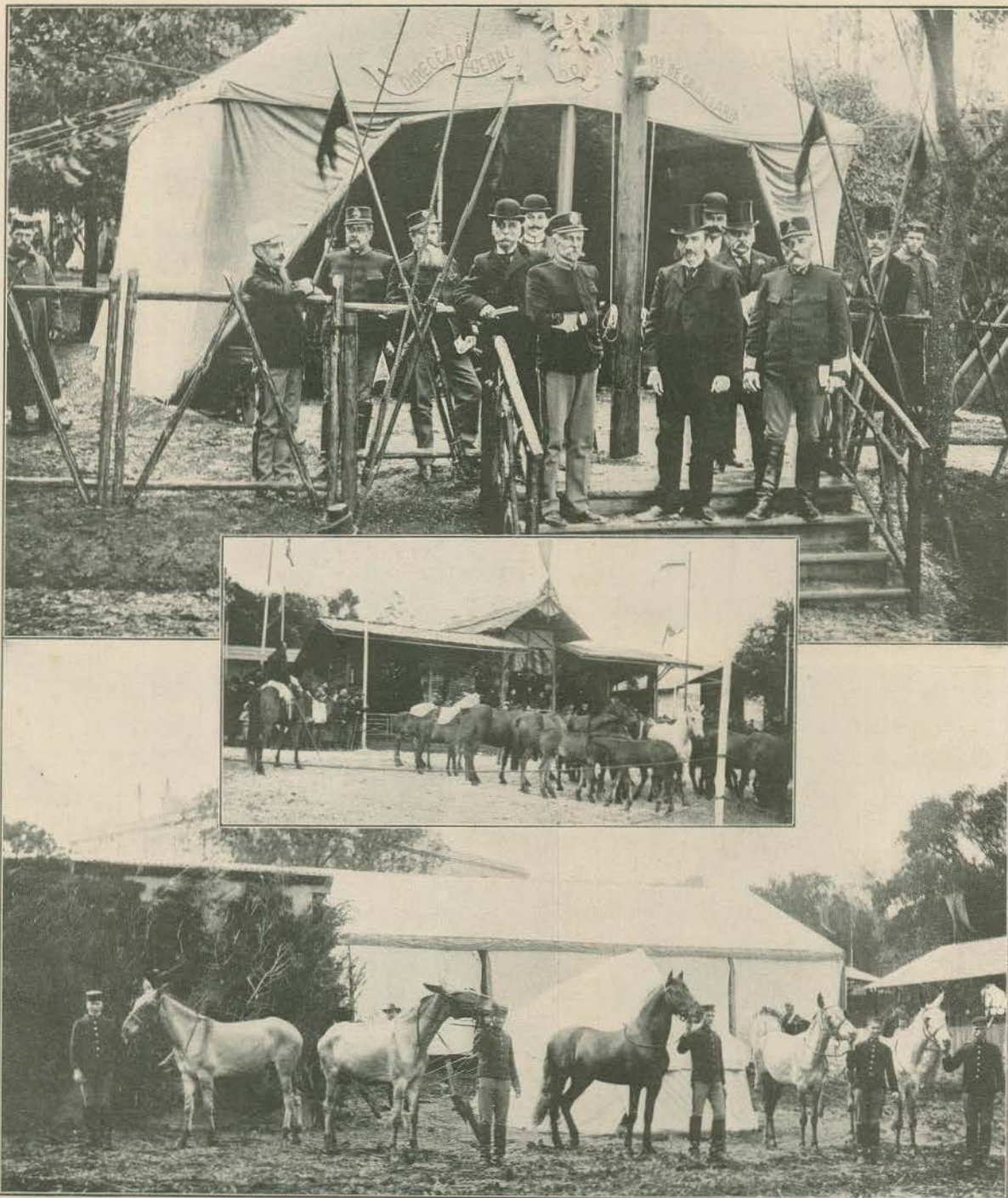
Os alumnos do grupo de gymnastica: *primeira plana, srs. José d'Andrade, Alfredo Menner e Luiz Rocha; segunda plana, srs. Joaquim Vilal, Francisco Cordeiro, Motta Junior e Telles Baptista*

As festas começaram no sábado 10 de junho por uma sessão solenne em que falaram os srs. drs. Theophile Braga, Marcelino Lima e Manuel d'Arriaga e os srs. Carlos de Mello, Sá Pereira, etc. No domingo houve um sarau em que tomaram parte a Tuna do

Atheneu, o grupo de gymnastica da mesma instituição e à noite no sarau musical tovaram-se, além do hymno commemorativo composto pela sr.ª D. Kriestina Leite, varios duettos de musica, que foram entusiasticamente applaudidos. O Atheneu Commercial foi

fundado em 1880 pelo Visconde de Camões e já tem prestado relevantes servicos. Hoje custa mais de 2.000 contos, está instalado na rua de Santa Antão junto à Sociedade de Geographia e tem além das aulas profissionais outras como as de gymnastica, de

musica, de esgrima e de dança. Tem sido frequentada até hoje por 4.329 alumnos as aulas profissionais e as recreativas por 856. Foi esta instituição que appareceu n'um periodo de resacimento nacional.



A EXPOSIÇÃO HIPICA NA REAL TAPADA D'AJUDA—Na visita de S. M. a rainha

O jury de classificação, composto pelos sr.s—General Dantasco Rosado, coronéis Augusto da Silva Rosado, Domingos José Leão, Jaime Leão de Castro, e Joaquim Augusto da Silva Rosado, tenentes coronéis veterinários Ferreira da Silva, Aires Torgo, tenente coronel João d'Almeida Deje, Rui de Andrade e Joaquim Ferreira Reis veterinários civis e Alberto da Silva Monteiro—Desfilo do gado diante do pavilhão real—As musas de artilharia antes do desfile.

Foi proposta a homenagem à Tapada em virtude do mau tempo. S. M. a rainha, senhora D. Amélia de companhia (1.ª SS. AA. RR. Velu em estípite) de Castro, chegando à 4.ª posição pelas 4 horas da tarde.

Depois d'uma curta demora no pavilhão do jury dirigiram-se

para o pavilhão real onde se assistiu ao desfile d'v gado touro e plevras enviados para alguns dos concursos. De seguida fez-se um desfile do gado da casa no qual tomaram parte os sr.s, senhores Álvaro da Mendonça e Leitão de cavalleria e a co. da guarda municipal Margarida e Raulcel. Fizem-se depois saltos d'vstacul. n. destacando-se o sr.

alibon Nazareth, o capitão Campes e o sr. JM José de Albuquerque. O sr. Alibon Nazareth mostrou também uma das muitas de artilharia que tinham infelizmente succedido: as applicações de S. M. a rainha senhora D. Amélia e de SS. AA. RR. assim como as de assistência.



A MADRUGADA NA PRAÇA DA FIGUEIRA EM DIA DE SANTO ANTONIO

A noite fôra regular no mercado. Na manhã de manhã pela chuva ainda appareceram aquelles que ajudam aos outros, dia de festa, dia de diversão, se com matar-se ao jogo mudo dos dactos e das ou-

vidas e aquelles que tendo dormido até ao romper da alvorada por não terem feito os seus negócios á Praça esperando ainda um pouco de divertimento. A mistura de tipos e de variis curtos e cascas ma-

nhãs, porque entre todo aquelle povoão apparece por vezes o pe- culoso, tudo se sob a espedaçada desaholada que d'ixa afever a zozura do arlimento, com que se assiste á abstracção. Compram-se

flores, vasos de mangueiros, mesmo alguns porções de fructa que se leva para casa com certa alegria, terminando assim a vespera de Santo António em que metade da população de Lisboa não se deita.

INSTITUTO BACTERIOLOGICO

CAMARA PESTANA

(Continuado do numero anterior)

Antes de entrarmos n'esses pavilhões passamos na cochoira, onde ha alguns jumentos, sendo seis d'elles destinados para as inoculações do soro diphtherico e tres para as do soro anti cutaneo.



Instalações da diphtheria



Laboratorio de chimica



A aula de bacteriologia

Quando chegamos ao pavilhão do tratamento anti-rabico gosamos uma sensação agradável de frescura. Cá fora o sol escaldia as paredes n'esse meio dia de junho. No corredor, por onde passamos, vemos á direita e á esquerda portas que estão cerradas e que pertencem a diversas installações. Uma das portas abre-se e n'esse lugar, onde esperamos ver uma serie de instrumentos cirurgicos, que já nos tceem caçado a vista e o animo, topamos uma figura -d'ouga de mulher com a sua grande blusa de linho e entrevemos no interior do aposento



A galeria de passagem para os annexos

jarras com flores sobre uma secretária, um mimo de arranjo ali n'um hospital.

E' essa senhora que a pedido do secretario do Instituto nos vai indicando os diferentes compartimentos do pavilhão, como o destinado ás operações e aos pensos e a sala do tratamento da raiva, dizendo-nos que n'essa parte annexa ao Instituto se hospitalizam os individuos suspeitos de raiva e que tem os seus aposentos no andar superior.

Começamos a subir a escada encerada, como quasi todas as do Instituto, e entramos na enfermaria. E' muito clara, tem janellas amplas, rasgadas, a defrontarem-

se com as da outra enfermaria onde se tratam os diphthericos.

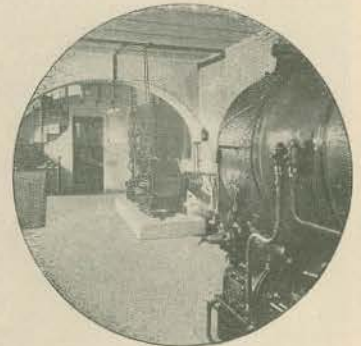
Ha ali vinte camas. Os doentes estão de pé. Nota-se sobretudo a quantidade de crianças que se destacam entre os quatro ou cinco adultos que lá se encontram. Todos tecia um bello aspecto. Além d'estos ha actualmente 92 individuos em tratamento e já estiveram 107, tendo no anno passado recebido o mesmo tratamento 1318 pessoas.

D'esse pavilhão passamos ao da diphtheria. Ali tambem se encontram muitas crianças; sobretudo são ellas que predominam, porque a molestia só raramente ataca os adultos.

O pavilhão é construido no genero do destinado ao



A enfermaria da diphtheria



Motors



No pavilhão do tratamento anti-rabico: A sala de tratamento



No pavilhão do tratamento anti-rabico: A sala das consultas



A bibliotheca



Os alumnos do curso de bacteriologia em 1904

tratamento da raiva e tem tambem enfermeiras, que n'esse momento se encontram nos seus trabalhos. A entradaahi só com muitas cautelas é permitida e de forma que nos contamos com explicações, as quaes nos são gentilmente fornecidas. Estão muitas crianças em tratamento, o qual é conhecido.

Olhamos d'ali todo o Instituto e o seu aspecto gracioso, o seu silencio assim, na chapada do sol, dá-nos a impressão de como tudo all caminha sem entraves, como todos esses serviços se fazem, mercê da acertada direcção do sr. dr. Annibal do Bottoencourt, que do estrangeiro trouxe esse methodo, a que acrescenta a sua muito sciencia e saber.

N'umas janias enormes estão diferentes animaes destinados ás experiencias, sobretudo cães, macacos e gallos, que se remexem lá dentro, n'um barulho ensurdecedor.



Camara Pestana, primeiro director do Instituto e seu fundador

Atravessamos de novo esse modelar Instituto, lançamos ainda um olhar para todas as salas que atravessamos e guardamos a impressão d'esses magnificosapparelhos, d'essas soberbas machinas, d'essas casas onde



O retrato de S. M. a rainha a existente na Bibliotheca do Instituto e o offerecido pelo seu auctor, o pintor Veloso Salgado

se fazem tão interessantes analyses, do tudo que vimos e que bastante nos agrada.

O Instituto tende a desenvolver-se cada vez mais e já se pensa em comprar um terreno que lhe fica contiguo, a fim de se acrescentarem as installações.

D'essa interessante visita a trouxemos a certeza que muito se caminha em Portugal no campo d'essa sciencia

cia tão utilmente applicada e que grandes quantias se poupam com a creação do Instituto.

Antigamente o governo pagava todas as despesas de passagens e de curativos no Instituto Pasteur de Paris aos individuos suspeitos de estarem atacados de raiva, e que, além das demoras e dos transtornos que d'ahi advinham, custava grossas quantias e não nos dava o consolo de sentirnos o desenvolvimento da nossa terra.

Agora tudo isso está remediado, graças á modelar installação que Camara Pestana começou com tanto amor e que o actual director com o mesmo amor vai continuando.

A officina de photographia, onde foram feitos os trabalhos que publicamos com este artigo, está admiravelmente tratada como o resto do edificio e a cargo d'um artista habil, o sr. José Benedy, que fez esses clichés



Uma sangria n'um dos animaes do estabulo

propositadamente para a Illustração diante do consentimento amavel do director do estabelecimento que tantos serviços está prestando no tratamento d'essa terrivel doença da raiva.



Centrifugas e estufas



O estabulo



AS FESTAS DE SANTO ANTONIO NO JARDIM DA ESTRELLA

A Associação da Imprensa promoveu essas festas magnificas que só o mau tempo transformou em pouco. Armara-se uma *hermesse*; os pavilhões eram magni-

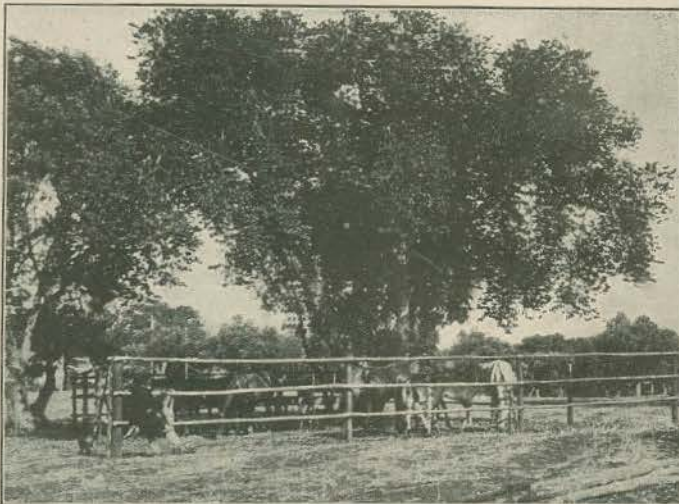
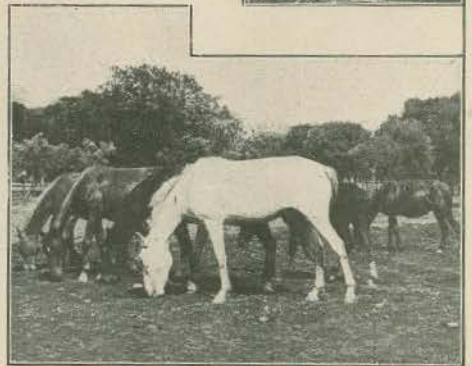
ficos sobretudo o da Associação da Imprensa que tinha premios riquissimos. Até certa hora a concorrência foi enorme, mas quando começou a chover entrou-se a de-

bandar, isto em vespéra de Santo Antonio. Porém no dia do Santo affluir ali grande numero de pessoas que disputavam os premios nas tombolas e durante a noite

a diversão correu tambem bastante animada. Na barraca da imprensa estiveram vendendo sortes as sr.^{as} D. Branca Teixeira d'Azevedo, D. Balbina dos Santos

Blanco, D. Maria Brotas Cardoso Tavares de Mello, D. Lizete Dias, D. Maria Dido Branco T. d'Azavedo Bettencourt, D. Maria Lima Appleton, D. Maria Le-

nor Appleton, D. Ida Appleton e D. Rachel Tavares de Mello, coadjuvadas pelos srs. Arthur Tavares de Mello, J. Fernandes e Rubens Tavares de Mello.



A EXPOSIÇÃO HIPICA NA REAL TAPADA D'AJUDA

Almoço de campões no recinto da exposição—Um matorral da casa do sr. Alfredo d'Andrade—O jury escolhendo o gado para a classificação—Eguas pertencentes ao sr. marquez de Castello Melhor—Um campino da casa dos herdeiros do sr. conde d'Atalaya—Eguas de raça arabe pertencentes aos herdeiros do sr. conde d'Atalaya—Campino da Companhia das Lençias do Tejo e Sado

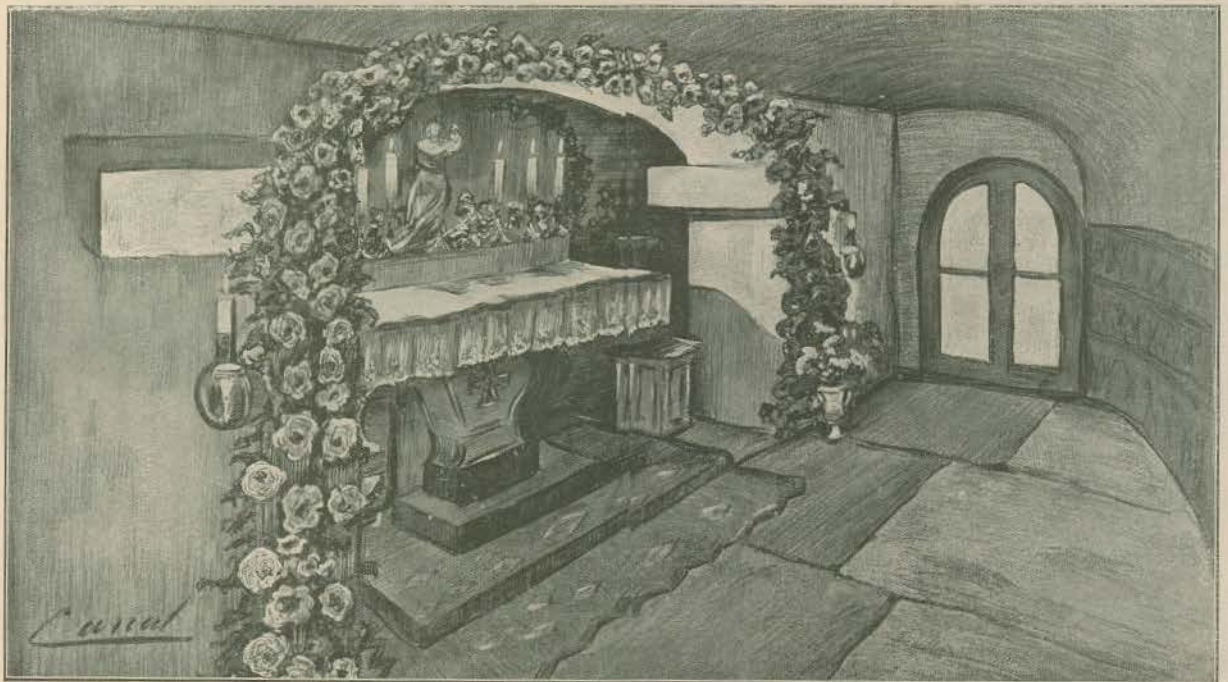
Tem sido imensamente concorrida a exposição hippica, sobretudo houve um grande affluencia no passado domingo e em dia de Santo Antonio. Estão magnificamente installados os salones, havendo sempre verdadeiramente extraordinarias. No estabulo da Comendaria Nacional apresentam-se as cavallos que são umas bellas estaturas, de exportadores Felha, B. e de herdeiros do conde de Atalaya.

primam em trazer ao concurso o seu melhor gado cavallar. O regimento de artilharia expoe, entre outro gado, machos possantes e fortes e duas mulhinas lindas, das quaes saem as pistas dos cavallos como se estivessem amestradas. Ardeo porém necessario collocar-se nos pontos onde tem que saltar a sua parolla, não se mostrando sem essa precaucao, o aspecto do recinto e deveras interres-

sante nos dias de grande concorrencia, sendo palmeado pelos stollistas das emboras e pelas tropas caracteristicas dos campões, pelas fardas, pelas figuras bizarras dos traidores do gado e o grande, pista e o ponto onde todos se reúnem pela tarde vendo alguns officinas de cavalleria dirigido bem se suas montadas nos difficis saltos do jockey.



A TUNA DO ATHENEU COMMERCIAL — Primeira linha: sr. Francisco Barbosa, Francisco Guerreiro Palma e Carlos José Godofrog. Segunda linha: sr. Manuel R. M. d'Almeida, Nani Gaspar, José dos Santos, Miguel Ferreira, mestre, João V. Pereira (professor), Hippólito Bagundo, Mario da Silva Rocha, João Moreira, João Telles Duarte, Antonio A. de Araújo, Armando Gomes de Mattos e José Pinheiro. Terceira linha: sr. Narciso Nara, Ilídio e Cunha, Manuel T. F. Franco, João José Pereira, Borja, João Lourenço Correia, Alberto Cunha José, Andréas Domingos, Adolpho dos Santos, Ezequiel, João Barbosa e José Antonio de Castro. Quarta linha: sr. Pinto, Eraldo Soares, Victorino C. Espinheiro, Guilherme de Sousa, Rui Gomes, Christóvão S. Cruz, Abelino H. C. Castro, Antonio E. T. Franco, José L. de M. Moraes, José T. Alves, Laurentim J. Alves, Joaquim A. Pagan, Joaquim A. Fernandes e Antonio M. Barradas.



A casa onde segundo a tradição nasceu Santo Antonio, no lugar onde hoje se eleva a igreja da sua evocação junto a Sé Patriarchal



AS FESTAS NO JARDIM DA ESTRELLA EM DIA DE SANTO ANTONIO

Pavilhão da imprensa—A cascata—Tombola da imprensa—Instalação do Albergue das Crianças Abandonadas—Barraca da Comissão de Beneficência da Lapa.
—Barraca dos professores de ensino livre

Uma das grandes atrações destas festas era a cascata monumental e luminosa a que tod'os os jardins se referiram com as melhores elogios e que Ed. Pires no Porto, com efeito, a cascata com toda a sua imprevista, agradao imenso. No jardim, além da barra-

ca da imprensa, havia também as da Comissão de Beneficência da Lapa, da Albergue das Crianças Abandonadas, da Associação dos Professores Primarios, da Associação de Socorristas Mutuos H. de Oliveira e do Gremio Popular.

As festas continuaram no domingo e continuaram tambem em dia e vespere de S. João em que haverá desfiles e bailladas populares sob a direcção de Justino Soares. A commissão conta com um grupo de rapazes d'Ovar que allestará as actividades.



A Princesa de Mecklemburgo, esposa do príncipe Guilherme da Alemanha



O príncipe herdeiro do throno da Alemanha cujo casamento se realisou a 6 de junho



Um aspecto da kermesse realisada no dia de Santo Antonio na Creche de Nossa Senhora da Conceição

O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTORICA

ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

— Faça conduzir a este gabinete a senhora condessa de Stephanis.

Pina Manique curvou-se para lhe beijar a mão, em agradecimento.

— Estimo que seja feliz, senhor Intendente...

— Espero sei o. Excelência.

— Pode considerar-se em sua casa.

— E em meio da sala, voltou-se ainda.

— Via o coche, com que o senhor conselheiro Anselmo Sobral apresentou Sua Excelência o Arcebispo de Thessalonica?

Pina Manique, que não esperava a pergunta, ficou calado, a olhar a obra millosa de Nuncio.

— É uma obra notável! As pinturas são verdadeiros primores... O conselheiro mandou fabricar expressamente a Paris. Deixo-o só. Felicidade!

O arcebispo de Triana desapareceu atrás do repostoiro de melania.

O Intendente olhou em volta, revistando minuciosamente o gabinete: foi espantar a janella, que deixava para a rua de Santa Isabel. Um silêncio conventual envolvia o palácio da nunciatura. Apenas as esquilas das mulas de uma liteira, que subia a rua, punham um rumor argentino na grande paz ambiente.

Era n'um aposento pequeno, guardado de grandes cadeiras em estilo Luis XIV, forradas de damasco verde e de duas enormes credencias com alçado de espelhos, coronados pelas armas pontificias: as chaves symbolicas de S. Pedro e a mitra papal. Um retrato de D. João V ornava a parede de fundo. Do alto tecto pendia um lustre em crystal de Veneza.

Pina Manique sentou-se n'uma das cadeiras de braços, limpou com o lenço o suor que lhe humedecia as fontes, concentrou-se a pensar n'aquelles extranhos successos, que havia quatro dias se encadeavam em redor d'elle e de cuja responsabilidade o accusavam a Rainha, o Arcebispo Confessor e os Ministros. Para o seu orgulho aquella partida podia considerar-se perdida. Cagliostro e-capava-lhe, triumphant. O paço e o ministerio protegiam abertamente o aventureiro, que tinha na sua mão os segredos da monarchia do Estado. O medo de que o conde de Stephanis fallasse para-lhe a todas as energias.

A entrega de Cagliostro a Nunciatura era um acto da pessima politica, que só o terror do scandaloso pudera aconsellar. A inquisição, as justicias ordinarias, os rigores da policia tinham sido considerados como meios perigosos de repressão. Vê-lo partir, quando mesmo fosse necessario locupletar-se de ouro e mercês, era a ansiosa aspiração do paço e da corte. Pina Manique sorria d'aquelles meios pueris, mas acatava-os. Seria insensato lutar contra o terror da rainha, contra a inquisição dos ministros e desobedecer da ordem recebida. A ultima aventura diminuiria-lhe essa confiança absoluta em si proprio, que constituia a sua maior força. A fuga de Cagliostro do seu gabinete, aquelle golpe de suprema audacia de que fora a victima, deixara-o receoso de experimentar novamente os talentos do aventureiro.

Passavam sobre elle as responsabilidades de haver provocado o assassinio de Roma o ter exposto a um scandaloso publico a realca, com o assalto a hospedaria do Neutral. O ministro de reino classificava de temerarias as suas diligencias, guiadas mais pela intimidade pessoal do que pelos motivos do seu cargo. Todas as apparencias eram contra elle. O principe D. José não deixaria de o accusar implacavelmente, as vagas ameaças de Cagliostro desacomodavam o governo. Só o Marquez d'Angela, que já ninguém escutava, era de parecer que se enterasse vivo n'um carcere o aventureiro e se deportasse para Roma a mulher. Mas o partido do modo reunia a maioria de votos na corte. Compotia-lhe tornar-se o executor da vontade real, calar as suas convicções, abafar os seus desejos de repressão. Cagliostro sabia com todas as horas de um subaixador. O governo punha a sua disposição os melhores camaratos da mão de Genova. Iriam fidalgos despedido a bordo. Não fallariam o Duque de Lafões e o Anselmo Sobral. Era aquelle o homem que tivera no seu gabinete, accusado do roubo, do assassinio, da conspiração e da feiticaria, o homem que elle se preparava para entregar a tortura, como um falsario a um ladrão de estrada! A principio, a coheira e a humilhação expuseram-no. Mas acabara por conformar-se, na secreta esperança de que a nunciatura o recomendaria á inquisição romana. Passava a noite a redigir extensos relatorios, a instruir, como um juiz, o processo infundavel. De tudo quanto as policias de Londres e Paris lhe haviam communicado sobre José Balsamo fizera sabedora a nunciatura. E eis que de repente, aquelle italiano millososo e diplomata lhe entregava outra vez Cagliostro e se declarava incompetente para exercer sobre elle a justiça da Curia! Aquella resolução equivalia quasi á sua demissão. A nunciatura dava a liberdade a Cagliostro e reconhecia-lhe o titulo de conde de Stephanis! Todos se allanhavam então para o perder? Queriam vê-lo demittido, cahido em desgraça?

A surpresa do governo, ao ter conhecimento da resolução do Arcebispo, recobria em accusações sobre elle. Em liberdade, Cagliostro espallaria a confusão no Paço. As suas ameaças subiriam ao throno. Para o afastar e calar dar-lhe-iam tudo quanto exigisse. E elle, Intendente, teria concorrido para esse triumpho!

Sentado na poltrona, com as mãos nos joelhos e o volumoso queixo enterrado nos botes da camisa, Pina Manique concertava o seu plano. Era a todo o transe necessario que Cagliostro deixasse no dia seguinte Lisboa, pela mão de Genova. Essa a vontade do governo. Embarcava! Essa delação, julgada indiz-sensavel pelo nuncio, obtel-a-hia! Aos seus ouvidos sibillava ainda as palavras de Lorenza, supplicando-lhe o silencio em troca da Jenucia. Seria um brinquedo para elle, tão facil se lhe departava, arrancar aquella mulher, a quem a paixão tirara o discernimento, quantias revelações a sua fantasia julgasse necessarias. Não era mais um duello de habilidades, de dissimulações, de subtilidades e de argucias, como os que tivera de sustentar com Cagliostro. A sua sede de represalias encontrava agora, não um adversario temeroso, mas uma cumplice submissa. Sim! Otharia a denuncia! Cagliostro partiria na mão de Genova, e já não no camarote da pópa, mas no porão e algemado!

Pina Manique levantou-se da poltrona, consultou o relógio, ergueu a mão gorda em direcção á porta por onde sahiria o nuncio.

— O coche do Arcebispo é bonito... Mas anda de vagar... Os meus caminham mais depressa!

Um risinho secco saltou-lhe a face espessa de frade.

O repostoiro de melania verde afastou-se. Lorenza appareceu á porta, que se fechou atrás d'ella. Os seus olhos cahiram atemorizados sobre Pina Manique. Toda a sua face empallideceu subitamente. Com um gesto do repulção, cahindo n'uma cadeira, murmurou:

— E ainda o senhor que me persegue!

Pina Manique curvou-se n'uma profunda vencia de



O ARCEBISPO DE TRIANA

certeza, adiantou-se, com a mão esquerda nos copos do espadim, a mão direita na cruz de Christo.

— Algum dia a persegui, condessa?

— Descobindo a face, inclinada sobre as mãos, Lorenza ergueu-se de um salto.

— Não era preciso, homem vil, associar-me a meu marido nas accusações que a Sua Alteza Real fez de nós ambos! Eu estou innocente!

A face de Pina Manique reflectiu a mais viva surpresa.

— Ignoro a que se refere, condessa! Mantive até hoje o meu compromisso. Ideste a nossa ultima entrevista na hospedaria do Neutral, nunca mais tive a honra de vêr Sua Alteza.

— Não lhe fallou?

— Não lhe fallou...

— Mas então...

Pina Manique abriu os braços.

— Não me queira tornar responsavel de faltas que não commetti. As perigosas aventuras e aos imprudentes erredos de seu marido pode com mais justiça attribuir quanto está succedendo e quanto acontecerá ainda.

— Espero que tudo tenha terminado, senhor Intendente. Estamos confidados á justiça de Roma...

— Parece alegre! essa desventura!

— Foi eu que me entreguei ao Auditor! Sou romana.

— Só os innocentes se entregam.

— E os criminosos sem esperança de salvação! Fez-me chorar muita lagrima, senhor Intendente! Ignorava que se pudesse odiar, como eu o odiei! As prisões de Santo Angelo, em Roma, não lhe parecerem agradaveis quando eu me lembrei de si!

— Mas que mal lhe fez, eu, condessa?

— Para que quer saber?

Pina Manique compoz uma expressão de sincera mago.

— A ama assim tanto seu marido?

Lorenza fitou-o com paeiro, rindo nervosamente.

— Meu marido? E qual é a mulher que não ama o seu marido?

Pina Manique crumou os braços, esperou que elle acabasse de rir.

— E foi então porque o ama que se comprometen comigo a denunciação?

— Que lhe importa? Sou apenas obrigada a responder aos juizes de Roma!

— Engana-se, condessa. Muito me custa tirar-lhe essa ultima illusão!

— Uma claridade de loucura illuminao o olhar de Lorenza.

— Uma illusão?

Pina Manique fez estalar os nós dos dedos, meneando a cabeça e cantilhando pelo gabinete.

— Sua Excelência Reverendissima, o Arcebispo de Triana, nuncio de Sua Santidade, acaba de me participar a sua resolução de entregar de novo á justiça de Portugal o chamado conde de Stephanis, com o fundamento de que não é romano.

— *Dio!* — exclamou Lorenza, juntando as mãos.

— E desde que a nunciatura se declara incompetente para proseguir no processo de extradição dos réus, visto não se tratar de subditos da Chris, forcoso é que eu faça vir uma escolta para os receber.

— Mas em? Em seu romano! Em queiro ser extraditado e preso no carcere mais obscuro de Sant'Angelo!

— *Porfão!* — A condessa deixou de ser romana casando com o homem que nasceu na Sicilia.

— *Dio! Dio!*

— E foi por me lembrar do nosso mutuo compromisso, que a proceuro, Lorenza Balsamo! Passe-me que é do seu maior interesse e conservar no silencio certos factos, que dizem respeito á sua honra... Não lhe convieria salhir d'esto reino com o seu titulo falso de condessa, de preferencia a que l'ho arranquem com escandalo, deixando vêr tudo o que elle occulta?

— Sim!

— Ainda me adota, Lorenza Balsamo, amante de Otta-
vio Nictestro, que foi enforcado, amante de falsario mar-
quez de Agliata, amante do judeu Moyses Benamora,
amante do ladrão marquez de Vivona, amante de sir
Debola, amante do advogado Duplessis, amante do car-
deal de Rohan

— Basta, por piedade! — supplicou Lorenza, cahindo de joelhos.

Sorridente, com os dedos enfiados nos botes da vestia.

Pina Manique continuou com fatuidade:

— Estou, como vê, no facto da sua vida. Affligte-me sinceramente ter de passar ás mãos dos magistrados os relatorios das policias de Paris, de Londres, de Napoles, de Barcelona, de Bergama e de Petersburgo... Nada ahí falta, desde a sua prisão em Santa Palacia. Tinha sido melhor para todos nós que Sua Excelência, o Nuncio, usando da facultade que lhe reconheceu o governo de Sua Magestade n'este caso especial, dispensasse de José Balsamo e o entregasse ás justicias de Roma...

— Mas Sua Excelência Reverendissima, depois de estudar o processo e interrogar seu marido, entendem dever renunciar a esse direito... Seu marido é siciliano e como tal está fóra da alçada da justiça da curia. Só a queixa de um subdito romano, apresentada por escrito, poderia resolver a Nunciatura... Temos, porém, que desistir d'esse recurso... José Balsamo será julgado pelas justicias ordinarias, pelos crimes de roubo, de assassinio, de contração e de proxenetismo.

— *Dio! Dio!* — gemia Lorenza, de roto, torcendo as mãos.

Pina Manique sentou-se n'uma poltrona, estava por um instante calado, como que reflectindo.

— Creia que me affligem profundamente os perigos d'esta situação. Por mais terrivois que sejam os castigos, um processo scandaloso é sempre desmoralizador.

Seu marido, para se defender, ha de evocar as suas relações com Sua Alteza o Principe do Brazil.

Lorenza, que cambudara de joelhos até proximo da poltrona do Intendente, ergueu a cabeça, scindiu de repentinas lagrimas, gritou com voz rouca, agarrando-se ao braço de Pina Manique:

— Sim! Acantelai-vos com elle! Evencará o testemunho do Principe!

— Não recuará diante da calumnia...

— Não recuará...

— As ameaças não poderão contel-o...

— E' um monstro! Bis-são-lhe as ameaças...

— Será impossivel conservar occulta a visita de Sua Alteza á hospedaria do Neutral...

— Elle mesmo a denunciação!

Pina Manique meneou a cabeça e olhou Lorenza.

A humidade das lagrimas succedera a um fulgor de febre nos seus olhos azues. O seu rosto infantil adquirira a rigidez severa com que só o odio transforma a physiognomia humana. Os seus labios estavam brancos.

Os olhos dos dois encontraram-se, reflectindo o mesmo pensamento monstruoso. Pina Manique passou a mão gorda pela fronte, calculadamente apprehensiva, disse baixo:

— E, contudo, não ha remedio! Será preciso correr a perigosa aventura, ir ao encontro do escandalo! A punição será dobradamente terrivel! Fiz tudo quanto estava ao meu alcance para evitar este perigo... So a denunciação de um subdito romano podia salvar-nos... E quem o denunciação?

Lorenza puxou o braço de Pina Manique, ergueu para a sua face sombria os seus olhos scintillantes, disse baixo:

— Eu!



PINA MANIQUE CRUSOU OS BRAÇOS, ESPERANDO QUE ELLA ACABASSE DE BIRH

— Era mister ser inexorável e impiedoso.
 — Desaffio-o, Inton lento, a ser mais rancorosamente implacável do que eu!
 Pina Manique estremeceu, levantou-se, caminhou com agitação pelo gabinete. Pela primeira vez, encontrara um coração mais cruel do que o seu. E esse coração era o de uma mulher com rosto de anjo; essa crueldade, não lh'a impunha o dever, nem o orgulho, nem a ambição. Era a crueldade do amor.
 A sua consciencia sem escrúpulos hesitava. Era aquillo, que tinha vindo buscar. Mas suppunera que a lucta seria mais prolongada e violenta. Essa rendição subita, logo depois da primeira escaramuça, deixava-o desconfiado e perplexo.
 Lorenza, que o via taciturno e calado, gemu coloridamente:
 — Recusa, Intendente?
 Pina Manique contemplou aquella maravilhosa estatura do odio, respondeu com accura:
 — Recuso.
 Lorenza deixou cahir as mãos n'um gesto profundo de desalento.
 Pina Manique foi espreitar á janella, voltou-se lentamente:
 — Quaes os crimes de José Balsamo, para que supplicaria a justiça de Roma, Lorenza Feliciani?
 — Os crimes de mo tor perdido e desgraçado, de mo havar corrompido e vendido, no corpo e na alma, ao homem e a Satanas!
 Pina Manique encolheu os hombros.
 — Palavras ao vento! Tinha que ser outra a denuncia!

Lorenza estendeu para elle, como para uma divindade, os braços tremulos.
 — Irol lançar-me aos pés ddo Nuncio! Não se recusará a ouvir as minhas supplicas e as minhas queixas! Pedirei o auxilio da justiça romana para me libertar do monstro que me vendeu como uma escrava, que me endemonstou fazendo desviar de mim a face de Deus! Quero regenerar-me, acabar os meus dias n'um convento! Quero fazer confissão geral dos meus peccados! Quero voltar para Christo! José Balsamo é um hereje mação e feticheiro! Accuso-o de teridas os sacrilegios, de todas as heresias, de todos os crimes! Accuso-o de ser mestre de lojas maconicas!
 Pina Manique levantou para ella a face impenetravel onde parecia esboçar-se um sorriso approvador.
 — Vejamos. Talvez seja a possivel chegarmos a um accordo satisfactorio. Está resolvida a denunciar seu marido?
 — Estou.
 — Mesmo á Inquisição romana?
 Lorenza calou-se, ficou por um instante immobilizada pelo horror.
 Pina Manique aguardava, silencioso, olhando a sua luneta de cabo de tartaruga.
 Muito baixo, n'um leve e quasi imperceptivel murmuro, Lorenza respondeu:
 — Sim!
 Imperturbavel, Pina Manique voltou a sentar-se.
 — É necessario dar maior responsabilidade a essas accusações... Bem vê, é preciso vencer a reluctancia de Sua Excellencia o representante diplomatico da Santa

Sé... Não quero aggravar, non tornar funestas para seu marido as consequencias da denuncia... Apenas evitar que o seu sacrificio se torne impropicio. O que importa é sequestrar seu marido ás justicas de Portugal, fazel-o responder perante um tribunal de Roma. Nenhum de nós lhe deseja a morte. Queremos apenas afastal-o... Demais, isto ficará secreto... Seu marido ignorará sempre de onde partiu a denuncia... Ha de attribuil-a unicamente a mim...
 Lorenza occultou a face entre as mãos.
 Pina Manique comprehendu que a energia abandonava aquella alma fragil e se tornava indisponivel precipitar os acontecimentos. Chegando-se a Lorenza e tomando-lhe a mão, disse-lhe ao ouvido:
 — E da parte d'elle que vim procural-a, Lorenza Balsamo! Elle confia no seu amor e encarregou-me de lhe pedir em seu nome que o salve! O scandalo, a que o exporiam as revelações do seu marido, importaria para elle a resignação da corça.
 Lorenza estremeceu violentamente. O seu rosto pallido ruborizou-se. Os seus labios murmuraram palavras indistinctas. Arfava-lhe o soio. Duas lagrimas ocoregaram-lhe pelas faces. Parecia enlevada n'um extase.
 — Poupe-lhe ao menos a illusão em que elle está de que o ama com um amor capaz de sacrificios.
 Lorenza inclinou-se. E antes que Pina Manique lhe tivesse comprehendido o gesto, sentiu que os seus labios ardentes beijavam a sua mão.



Um comboio de via e'obras no caminho de Loanda a Ambaca conduzindo o pessoal indigena, o conductor europeu e o empreiteiro de todos os trabalhos, sr. Manuel Roberto da Cruz

CHRONICA ELEGANTE

Chamam os francezes a *morte saison* este mezes proximos futuros em que o exodo quasi goral de todos os que podem converto as cidades n'uma samsaboria so bem apreciada pelos que n'ellas ficam. N'aquellas em que a populacao fluctuante abunda, permanece a animacao, embora sem requintes de elegancias, mas na nossa Lisboa onde os viajantes, se accorrem no verão, é de passagem para Cintra, Estoril, Cascaes, Busaco, Caldas, etc., é notoria a falta de attractivo, de novidade e de vida, durante a epoca de verão. Nem mesmo as modas dão assumpto para chronica, porque as de verão já estão discutidas e decretadas e as de outomno ainda nem estão em projecto.

A respeito de modas é interessante ler a que muito



Fig. 1



Fig. 2

espiritosamente publicou ultimamente uma interessante revista estrangeira. Notase que as modas passadas mais recentemente nos paizes altamente ridiculas, ao passo que as mais remotas se nos abgaram bonitas e mesmo servem de base as actuaes, que não são originaes, mas imitadas.

Nas gravuras que acompanham o citado artigo vemos traços do seculo XVII e XVIII que, com ligeiras modificações, dão admiravelmente a linha da elegancia moderna, tanto nos vestidos, como nos casacos e chapéus. Póde-se mesmo observar que os traços mais elegantes do cerimonia e de noite derivam do estylo Luiz XV e Luiz XVI.

Nas *toilettes* de genero mais simples é que se foi rebuscar a moda masculina. Já tomos a *redingote* ou grande *jaquette* de abas compridas, o *habit* casaca perfeitamente definido como se vê na nossa gravura, o holero que é simplesmente a *jaqueta* hespanbola, e agora tambem apparece o *smoking* para sen'ora, sorte de *paletot* muito curto inteiramente aberto na frente com *revers* de *faulle* ou setim e *chemisette* *lugarie* ou então postillo engomado com collete abotoado e justo. Nada ha a criticar na adopcão d'estas modas que na sua apparente simplicidade são de difficilissima execucao, pois necessitam um corte e factura impecaveis, não havendo nem rendas, nem frangas, nem franzidos que possam dissimular ou disfarçar qualquer incorrecção. Assim as *toilettes* simples ssão como as *habilites* umas exhibi-

ções de elegancia, d'outro genero, e nas quaes nenhum detalhe deve ser tratado com pouco esmero.

De passagem apontaremos o calçado usado com o costume *troutier*, de viagem ou de excursão, o qual, em constante evidencia, precisa ser cuidadosamente escolhido, e o mesmo succede com a saia de baixo, a meia, a *chemisette*, os collarinhos e a gravata, assim como acontece na *toilette* masculina que se prosa de ser apurada e elegante. Virá ainda o tempo em que o sexo forte rebusque nas modas femininas elementos para se aformosear?

Fig. 1 — Costume *tailleur* com casaca em sarja cinzenta, collete de panno branco.

Fig. 2 — Chapéu *Miraman* em renda branca, com rosas chá e *airette*.

Fig. 3 — *Toilette* do ville em *faulle* *bleuet* com pintas brancas, gravateões de *faulle* branca com galões de seda *bleuet*, *chemisette* de *faulle* branca e *mousseline* *plissé*.



Fig. 3

O NOVO FOLHETIM DA ILLUSTRAÇÃO

Terminando no proximo numero o nosso folhetim o *O Grande Cagliostro* comecaremos na semana seguinte a publicação do romance *A Asia em chamas*, trabalho cheio de situações e no qual n'uma phantasia admiravel se mostra a invasão amarella na Europa. Essa obra foi suggerida nos seus auctores pelo crescente predomínio do Japão que gerou a phrase do Kaiser hoje tão repetida: *O perigo amarelo*.



O CHALET IDEAL

Um brinde principesco

UM APPELLO COROADO DO MELHOR EXITO!!...

Todas as Fabricas, aquellas que fornecem exclusivamente OS GRANDES ARMAZENS DO CHIADO, acabam de quotisar-se entre si para offerecerem aos freguezes d'estes importantissimos Armazens um **BRINDE** que ficará memoravel nos annaes commerciaes de Portugal, ou seja

O CHALET IDEAL

Este **BRINDE** representa um bilhete de agradecimento ao Publico que tão bem soube comprehender os seus interesses, correndo em massa a este importantissimo estabelecimento; é uma demonstração de gratidão para com os proprietarios d'estes armazens, que conseguiram triplicar-lhe a venda dos seus productos. Muito reconhecidos, offerecem pois,

O CHALET IDEAL

Para a construção d'este chalet foi escolhido o melhor sitio dos arredores de Lisboa, isto é, a linha de Cascaes.

O CHALET IDEAL

será construido no sitio de Cac-Agua, entre as estações de S. João do Estoril e Parede e ficará situado em frente da nova estação em projecto, isto é, a 50 metros de distancia d'esta; tem praia e todas as condições para que possa dar-se-lhe o nome de

CHALET IDEAL

O Chalet Ideal

será de magnifica construção e possuirá todos os confortos d'uma casa moderna, terá 9 divisões e será cercado por um lindo jardim de 300 metros quadrados.

O CHALET IDEAL

representa uma pequena fortuna e pobres e ricos podem aspirar a conseguil-o sem dispendio d'um unico real.

O CHALET IDEAL

Será entregue ao portador do bilhete com equal numero ao da sorte grande da Grande Loteria Portugueza do mez de dezembro. Os bilhetes para conseguir

O CHALET IDEAL

não custam nada, são **GRATIS**. Basta effectuar compras na importancia de cincoenta mil réis para obter um bilhete.

Todas as compras não inferiores a 25500 réis terão direito a uma senha e cada 20 senhas a um bilhete para

O CHALET IDEAL

Alem d'este brinde, todos os portadores de bilhetes ficam habilitados aos 600 brindes que por seu turno os proprietarios dos Grandes Armazens do Chiado distribuirão ao mesmo tempo e pela mesma loteria, pois serão tantos os brindes quantos os premios sorteados na mesma.

Todos os brindes representam uma verdadeira chuva de ouro e uma somma fabulosa. Eis a lista d'elles:

1.º brinde — O CHALET IDEAL

2.º brinde — Um magnifico piano vertical, marca Frantz.

3.º brinde — Uma rica mobilia para quarto.

4.º brinde — Uma esplendida mobilia de casa de jantar.

5.º brinde — Uma linda mobilia de sala.

6.º 7.º e 8.º brinde — 3 bicyclettes americanas, marca Reading Standard.

9.º a 30.º brinde — 21 phonographos Pathé.

Os restantes numeros premiados terão direito cada um a

MEIA DUZIA DE LINDAS CHAVENAS DE PHANTASIA PARA CAFÉ

O plano detalhado será publicado opportunamente. A planta e alçado do

CHALET IDEAL

estão expostas desde o dia 6 do corrente nas vitrines d'estes GRANDES ARMAZENS.

A DISTRIBUIÇÃO DE SENHAS PRINCIPIOU NO DIA 6

GRANDES ARMAZENS DO CHIADO